

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Uma imagem atlântica: o ilustrado em vestes jesuíticas, Antonio Vieira por João Lúcio Azevedo e Capistrano de Abreu

Eduardo Ferraz Felipe¹

Nunca se viram, nunca se olharam. Isto tornou tudo mais forte. Ausência do corpo, ausência da fala. Os contornos da escrita mais se intensificaram. Sem discussões, sem divergências; sugestões harmônicas a um plano antes traçado. Entre documentos barganhados, sugestões trocadas e dissabores compartilhados, o Atlântico não foi obstáculo suficiente para afastá-los. Uma amizade gestada da falta. Uma proximidade constituída pela distância.

Foi através desta moldura que se constituiu a troca epistolar entre João Lucio Azevedo e João Capistrano de Abreu. Dois “Xarás” apresentados por um amigo em comum já nos últimos anos de vida. Dois pesquisadores da história aproximados por uma “rede de pesquisa” em comum e por anseios existenciais similares.

Amizade e troca intelectual foram, em alguns casos, moedas fortes na produção letrada de alguns autores. Interessa, nesse trabalho, investigar caso dessa natureza: a composição da imagem atlântica de Antônio Vieira, elaborada pela biografia assinada por João Lúcio de Azevedo, escrita, em certa medida, a quatro mãos, como fruto das parcerias com o amigo brasileiro Capistrano de Abreu. . Através da troca epistolar, para além de simples envio de documentos, houve intervenção direta na composição do perfil e das marcas identitárias do personagem. No enunciado biográfico produzido, Vieira assumiu fisionomias, encarnadas em certo tipo de ação intelectual, numa narrativa onde sua história de vida tornou-se o enredo para a compreensão de experiências luso-brasileiras no século XVII.

Nessa indagação, todavia, busca-se realizá-la na qualidade de análise histórica, centrada na intenção de compreender o lugar social de produção (CERTEAU 1982: 66-77) e alguns dos sentidos da *História de Antonio Vieira* de João Lúcio Azevedo, no campo de uma história da escrita de biografias, nas suas interfaces com a História, aqui apropriadas e lidas sob a chave dos discursos fundadores do imaginário da nação (ORLANDI 1993).

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio. Este trabalho contou com o auxílio da CAPES.

Nesta senda, a intenção é, por um lado, problematizar a noção de autoria e questionar a operação intelectual capaz de construir certo ser racional chamado autor. O Vieira que emerge é o personagem compreendido como unidade sólida fundamental, guardando os atributos do gênio, servindo como referencial para a leitura de sua produção escrita e oratória. Por outro lado, emerge uma matriz discursiva, como se fosse uma narrativa (auto)biográfica, que associa labor jesuíta e política. O que se quis ver do mundo seiscentista.

Um rosto talhado a quatro mãos

Quando João Lúcio e Capistrano começaram a relação epistolar, em 1916, ambos já eram sexagenários. Aproximados por José Veríssimo, que enunciava em suas conversas o nome de um para o outro, o contato tecido marcou um importante acontecimento na vida de ambos. Capistrano, então, já era um historiador renomado e bastante conhecido no meio intelectual em que vivia. Havia escrito o *Capítulos de História Colonial*, o importante estudo publicado no *Jornal do Commercio*, em 1899, sobre o povoamento durante a Colônia, e posteriormente intitulado pela sociedade Capistrano de Abreu de *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil e Rã-txa Hu-ni-ku-i – A língua dos Caxinauás no Rio Ibuacú, afluente do Marú*. Além disso, havia escrito o Necrológio sobre Varnhagen e participado da importante Exposição de História e Geografia do Brasil, organizada pela biblioteca Nacional, em 1881. (CÂMARA, 1969:30-56).

Já o historiador português, no instante do encontro entre ambos, através de suas missivas, já havia escrito *Os jesuítas no Grão-Pará (1901)* e *O Marquês de Pombal e sua Época (1909)*. Sócio do IHGB, por proposta assinada por José Veríssimo e Alencar Araripe, também foi amigo de Oliveira Lima e participante da Academia de Ciências de Lisboa. Rico herdeiro de uma empresa de navegação fluvial e de exportação de borracha do Pará, posteriormente optou por dedicar-se unicamente aos estudos históricos, focados nos três principais temas prediletos: os jesuítas, o marquês de Pombal e a história de Portugal. (RODRIGUES, 1999:37 – 67).

Nunca se encontraram pessoalmente. Por mais de dez anos, as águas do Atlântico seriam testemunha da troca de epístolas de maneira quase telegráfica entre os dois. Havia uma contigüidade de espírito entre ambos que favoreceu a sincronia de opiniões e gestos, descritos em letras em suas missivas, e gerou um movimento de interlocução plena. (AMED, 2006:194) Favorecidos pela distância, a relação se constituiu através de um “vínculo de *afeto* que

protegeu e estimulou a intimidade, o gosto de conversar e conviver através das cartas”. (GONTIJO, 2004:101 – 129)

Mas esta amizade não ficou restrita unicamente ao plano íntimo. Ao longo das epístolas pode-se observar que transbordou para a produção letrada de ambos intelectuais. A tentativa aqui será apreender suas cartas como um universo fechado, compreendida como um modo autônomo de organização da experiência, capaz de abrir veredas onde argumentos possam germinar das mesmas. Nesse acesso ao “pequeno mundo dos intelectuais”, esse “dar-se a ver” específico (GOMES, 2004:19) que as epístolas configuram será lido através da composição de um argumento particular que permite ser dito a partir delas.

Principalmente, pode-se aqui dizer, Capistrano incidiu com apontamentos significativos em um livro importante de João Lúcio, qual seja, a *História de Antonio Vieira*. Uma pintura talhada entre envios de documentos, apontamentos acerca da ação do personagem e, principalmente, sua condição de ação política no mundo.²

Foi de Abreu (como Capistrano gostava de ser chamado na juventude) a sugestão da feição que Vieira assume ao longo do livro.

Sabia da resolução do eminente historiador dos Jesuítas no Grão-Pará de abordar a biografia do Padre Antonio Vieira, e regozijei-me por ter achado um assunto à altura de seu talento e de seu saber. Recebi e agradeço as primícias da grande obra: oxalá ainda me seja dado lê-la, como fiz com as duas monografias tão interessantes. Vieira lembra-me o nosso Rui Barbosa: poucas convicções inabaláveis e fundamentais, o resto conforme as constelações exigiam. (ABREU, 1977: 10)

Apesar de missivas regidas pelo signo da afetividade terem como característica a interferência ampla entre os missivistas em seus projetos intelectuais, neste livro o volume de sugestões se aguça, assim como a quantidade de respostas geradas pelo correspondente português. Após o elogio de Capistrano acerca do resultado final do livro, o João português agradece de maneira entusiasta. “tive grande alegria em ver na sua carta que leu com prazer o capítulo da *Historia de Vieira* sobre as missões.” O conjunto de sugestões do polígrafo cearense é tão forte que João Lúcio continua a missiva definindo como sua escrita desenvolveu-se pressupondo a presença do outro. “creio que, quando escrevi aquilo, o fiz com o sentido de lhe agradecer.” (ABREU, 1977(b): 230).

² A coragem de lidar com tema espinhoso, por parte de João Lúcio, se relaciona ao mais amplo conjunto de questões fundamentais que serviam de fundo para pensar o passado português. Três grandes questões caracterizaram o período 1900-1930, individualizando-o e concedendo-lhe unidade: a questão do regime, a questão religiosa e a questão religiosa. (MARQUES, 2000: 283-295).

A leitura da *História de Antonio Vieira* faz com que diante dos olhos do historiador seja estabelecida uma imediata correlação entre os eventos do presente e do passado estabelecendo uma afinidade eletiva entre os dois momentos, o que permite dizer em tom irônico “...comecei a ler a *História de Antonio Vieira*, a partir da p. 82, e levei ao fim o capítulo do político. Quanta novidade! E como é feliz o confronto dos Sermões e dos fatos contemporâneos!” (ABREU, 1977 (a): 123). Para Capistrano os fatos contemporâneos e os fatos do passado possuem uma semelhança gritante. O jesuíta será um combatente, um soldado de Deus que agirá no “teatro do mundo” através de sua forte oratória e acuidade política. Pintado com o rosto de um intelectual-vitrine contemporâneo, Vieira assumirá muito dos vícios presentes no Brasil do início do século XX, por sugestão de Capistrano.

Ilustrado em vestes jesuíticas

Publicado pela primeira vez em 1918, o Antônio Vieira assinado por João Lúcio Azevedo integrou o conjunto das análises acerca do renomado jesuíta, propondo constituir-se em um marco divisor de águas frente às interpretações anteriores. Ao fundar-se no método histórico, propunha, enquanto objetivo primeiro, ser capaz de fugir do envelhecimento, do “defeito da idade” que todas as biografias anteriores teriam contra si. O controle das fontes seria capaz de dotar de longevidade este seu retrato em letras, fugindo, justamente por que pautada no critério científico, de se tornar “antiquada”.

Para ambos, a concepção moderna do estudo da história, divulgava um ideal de pesquisa objetiva, apoiada em documentos inéditos e testemunhas oculares. A atenção documental deveria, necessariamente, estar conectada à capacidade do historiador de se mover do campo das descobertas que ampliam o conhecimento dos fatos e levam à condição da narrativa. (ARAÚJO, 1988:28-54). A construção identitária de João Lúcio como historiador moderno foi uma das causas da excessiva demora na publicação de seu texto sobre Vieira. O longo período de preparação e a vagarosa execução associavam as dimensões características desta concepção de escrita da história. Para o historiador português, as anteriores narrativas sobre o jesuíta não levaram em consideração dois fatos históricos: o criptojudaísmo e o sebastianismo. Vieira foi aquele que, justamente por sua ação, fez com que estas “duas questões nacionais por espaço de séculos” chegassem ao seu momento de crise. Compor um retrato em letras desta “personalidade única”, pela variedade e originalidade de

seus aspectos, era contribuição para o conhecimento desta “época notável” da história portuguesa³.

Ao querer decifrar o seu biografado valendo-se da crítica histórica, constrói uma trajetória onde o processo de desenvolvimento do indivíduo ocorre através da alternância de múltiplos e diferenciados períodos. A unidade de sentido para a existência do personagem ocorre através dos diferenciados contextos que a vida atravessa, levando em conta a multiplicidade de campos e temporalidades em que ele viveu. O Vieira que foi talhado por ambos se constitui em um político hábil, oportunista, maquiavélico: tal seria o conselheiro pessoal de D.João IV, o enviado diplomático extraordinário, um português com imensa clareza acerca do sistema de equilíbrio entre as Potências europeias, suscitando sempre no leitor a impressão de que a apreensão dos milagres estava sempre ligada ao fortalecimento do Estado. Este Vieira é capaz de contrastar com um Vieira “missionário”, doando suas camas aos doentes ou o rendimento da publicação de seus Sermões à dotação das missões, homem determinado a avançar por entre estas terras desconhecidas de um território ainda pouco explorado encabeçando a resistência aos moradores brancos dispostos a ceder aos jesuítas a alma, mas não o corpo dos indígenas escravizados. Nesse momento, o “Apóstolo do Brasil” desdobra-se já na imagem do “Pajé-Açu” (AZEVEDO, 1931 vol.I:284).

Esse texto ensaia o abandono das monumentalizações ufanistas de escritores e dirigentes políticos, apostando na boa receptividade do esquadramento da humanidade contraditória de todo e qualquer sujeito individual. O biógrafo, em diálogo, com outros autores, realizou suas escolhas, e decidiu substituir metáforas de certa tradição de escrita biográfica. Saía a estátua de bronze fixadora da celebridade e entrava em cena o homem de gênio e humor variável “à luz dos documentos”. Assim, uma imagem que estará no retrato em papel e letras de Vieira e que o acompanhará será a da *inconstância*. Apesar da convicção de espírito e força nas ações, sendo estes os principais atributos capazes de conferir sentido a sua existência individual, “a constância nas idéias não era em Vieira virtude fundamental.” (AZEVEDO, 1931:93). Será este tumulto mental, esta personalidade multifacetada, que apesar de aproximar o personagem biográfico daquela fisionomia dos intelectuais, irá atrair a atenção de João Lúcio. Após um grande tempo de trocas de missivas, o João português irá pedir uma descrição detalhada acerca do perfil do intelectual brasileiro. Capistrano irá compor uma imagem onde vários dos atributos deste político brasileiro estarão presentes no jesuíta

³ Importante observar que neste momento a imagem jesuítica cultivada por Portugal era associada ao momento de decadência do período barroco. Antero de Quental e Oliveira Martins consideram a atuação da Companhia de Jesus como um dos fatores mais negativos para a história da Península Ibérica, uma das causas fundamentais da sua decadência. No Brasil, Paulo Prado, em seu *Retrato do Brasil*, segue esta imagem da Companhia, construindo a identidade cultural do bandeirante justamente contra estes religiosos (PRADO, 1997)

seiscentista. A grande capacidade na escrita e na oratória, a análise, a memória como faculdade fundamental e a capacidade de combinar, em seus trabalhos intelectuais, a vontade forte com a abulia em outros projetos foram atributos fundamentais de sua forma de ação política. A versatilidade do jesuíta está associada a sua busca por atingir seus objetivos. Sobre o recebimento de uma carta sobre Vieira dirá “assaz interessante como testemunho do caráter do padre, capaz de adular sem pejo o Castelo-Melhor seu cruel inimigo...” (ABREU, 1977: 231).

Neste exercício biográfico, a caracterização do personagem se apóia em dois pilares interligados: a personalidade e o pensamento. Ao lado do retrato do homem Vieira (enquanto ser moral e intelectual), uma interpretação da obra é constituída. As ações políticas do autor - que mesmo através das diferenciadas fases “jamais será capaz de abandonar” – são transpostas para a interpretação da obra. O Antonio que emerge é o personagem de imagens contraditórias, caracterizado pelo “amor próprio e gênio impetuoso”, onde a qualidade de seus textos é apropriada, única e exclusivamente, através de sua propriedade retórico-política, onde a *sacramentalidade*⁴ de suas linhas é expurgada, isentando-as de seu peso teológico e de seu valor teleológico. Assim, a unidade teológico-retórico-política dos Sermões é decantada e apreendida, aos olhos daquele que escreve, por um personagem que busca objetivos especificamente pragmáticos. O religioso Vieira é apagado diante da iluminação que recebe seus traços de “orador e político”. A ordem objetiva do mundo sempre o atrai, o plano das contingências sempre é descrito como se demandasse a intervenção e a opinião aguçada do forte espírito jesuíta. O arquiteto político Vieira é permanentemente o personagem fundamental de uma série de eventos que gravitam ao seu redor e sempre tenta, a cada momento, controlar, através da palavra, aqueles que com ele mantém contato. Seria através dele que “dois fatos históricos” o “sebastianismo e o criptojudaísmo”, “grandes questões nacionais” por espaço de séculos atingiriam a “fase de crise”. (AZEVEDO, 1931: 6) Vieira guardará os atributos do gênio. Um personagem dotado de autenticidade suficiente para experimentar sensações e sentimentos originários e de expressá-los gerando a intersubjetividade capaz de tocar uma comunidade individual ampla.

Não há dúvida de que em Vieira fala nele certo espírito laico, não estranho à Companhia de Jesus. Mas nos traços desta biografia, ele é laicizado fortemente, a partir de uma leitura colada à percepção de alguns contemporâneos seus.

⁴ Para Alcir Pécora, a base articulatória de sentido e eficácia dos Sermões é dada por sua impregnação do divino. A verdade divina preveria a sua mobilização eficaz na história, na vida, no conhecimento, e na linguagem do homem, devido a isto, nenhuma destas instâncias pode-se autonomizar sem crime contra esta verdade. Para este autor, os Sermões compõe uma unidade teológico-político-retórica (PÉCORA, 1994: 41)

Os padres austeros escandalizavam-se de seus hábitos mundanos, adquiridos nas missões diplomáticas; do vestuário secular, escarlate e ouro, notavam eles, que trouxera em Lisboa muitos dias, chegando ao excesso de sentar-se assim vestido no refeitório com outros religiosos; do abuso de manter ao seu serviço um criado, com ofensa da humildade própria da Companhia de Jesus. E algum malévolo o pintou tão afastado da modéstia, que dizia correrem na corte certas canções amorosas de que seria ele o autor.” (AZEVEDO, 1931 vol I: 169)

Seus adversários – e testemunhas oculares para os historiadores do início do século XX - observaram os hábitos pouco ortodoxos do importante orador. Isto não implica que seja uma transcrição inocente das imagens acerca de Vieira, mas que este relato historiográfico sob a forma de biografia, com sua construção desdobrada e estratificada de remissões a outros textos – crônicas e documentos- leva a um *saber do outro* (CERTEAU; 1982: 101-102) que dota a feição do jesuíta da imagem secular que lhe havia sido implementada por seus contemporâneos. O passado representado é o efeito particular com que o discurso histórico estabelece a sua relação com as testemunhas oculares. A cultura histórica como a cultura “do comentário e da análise”, desde o momento em que o historiador se coloca como *leitor*. (HARTOG; 2003) O que se quis ver da feição jesuítica e do mundo seiscentista.

Bibliografia:

Cartas de Capistrano de Abreu para João Lúcio Azevedo In: ABREU, João Capistrano de **Correspondência de Capistrano de Abreu** (org.): José Honório Rodrigues 2ºed. **Volume II** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1977. (a)

Cartas de João Lúcio Azevedo para Capistrano de Abreu In: **Correspondência de Capistrano de Abreu** (org.): José Honório Rodrigues 2ºed. **Volume III** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1977. (b)

AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu. Sociabilidade e vida literária na belle époque carioca.** São Paulo: Ed. Alameda, 2006

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de *Ronda Noturna. Narrativa, Crítica e verdade em João Capistrano de Abreu.* **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.1, 1988, pp. 28 – 54.

AZEVEDO, João Lúcio de. **História de Antonio Vieira** 2ºed. VOL I Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva **Capistrano de Abreu. Tentativa biobibliográfica.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.

CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica*. In **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, pp. 31-119.

GOMES, Ângela de Castro *Escrita de Si, Escrita da História: a título de prólogo* In: **Escrita de Si, Escrita da História** Rio de Janeiro: FGV Ed. 2004

GONTIJO, Rebeca *A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio Azevedo (1916-1927)* In: **Trajetos- Revista de História UFC** vol.3 n°5, 2004.

HARTOG, François **O Século XIX e a História. O caso Fustel de Coulanges** Rio de Janeiro Ed. UFRJ: 2003.

MARQUES, A. H. Oliveira *Da Monarquia para a República* In: **História de Portugal**.

MATTOSO, José (org) São Paulo: Unesp 2000

ORLANDI, Eni Puccineli (org). **Discurso Fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas; São Paulo: Pontes, 1993.

PÉCORRA, Alcir **Teatro do Sacramento** São Paulo: Ed. da USP: 1994

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins *O achamento do Brasil e de Portugal: Perfil intelectual do historiador luso-brasileiro João Lúcio Azevedo* In: **Acervo – Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, vol. 12n.1/2, p37-67, jan/dez, 1999.